



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- DE  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JOICY EMANUELLY DE MORAIS OLIVEIRA**

**ENTRE O CAMPO E A LITERATURA: TRAJETÓRIAS PARA A FORMAÇÃO DE  
LEITORES**

**MOSSORÓ/RN**

**2023**

**JOICY EMANUELLY DE MORAIS OLIVEIRA**

**ENTRE O CAMPO E A LITERATURA: TRAJETÓRIAS PARA A FORMAÇÃO DE  
LEITORES**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof.º Míria Helen Ferreira de Souza.

**MOSSORÓ/RN  
2023**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

O48e Oliveira, Jocy Emanuely de Moraes  
ENTRE O CAMPO E A LITERATURA: TRAJETÓRIAS  
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES. / Jocy Emanuely de  
Moraes Oliveira. - Mossoró, 2023.  
47p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Míria Helen Ferreira de Souza.  
Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade do  
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Literatura. 2. Educação no campo. 3. Formação de  
leitores. I. Souza, Míria Helen Ferreira de. II. Universidade  
do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**JOICY EMANUELLY DE MORAIS OLIVEIRA**

**ENTRE O CAMPO E A LITERATURA: TRAJETÓRIA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em 23/11/2023.

**Banca Examinadora**



---

Prof. Ma. Míria Helen Ferreira de Souza (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



---

Prof. Me. Alexsandro Donato Carvalho (Examinador)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN



---

Prof. Dra. Emanuela Carla Medeiros de Queiroz (Examinadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À Antônio Carlos e Maria das Graças.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por guiar todos os meus passos e por me proteger todos os dias da minha vida.

A minha família por me ajudar inúmeras vezes, principalmente aos meus pais/avós que participaram dessa trajetória e sempre me incentivaram.

Ao meu companheiro de vida, Douglas Samuel, que me ajudou a não desistir.

Aos meus colegas de faculdade que me ouviram diversas vezes quando estava perdida.

Aos professores de cada componente curricular que trouxeram consigo conhecimentos para o meu crescimento profissional e pessoal.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Míria Helen, pela dedicação e paciência para comigo nesse processo de escrita. Suas orientações foram cruciais para o término dessa fase.

Por fim, agradeço a EU mesma, por ter conseguido passar por esse processo mesmo com tantas pedras no caminho, por não ter desistido mesmo quando tudo pedia para parar. Obrigada EU, você foi forte até aqui.

Continue a nadar...

“Podemos dizer que a literatura é um sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (Candido,1995, p. 175).

## RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta é uma pesquisa de cunho qualitativo que visa compreender sobre o que dificulta o desenvolvimento do gosto pela leitura em crianças do campo. Tem como objetivo verificar os obstáculos enfrentados por alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que estudam numa escola inserida na zona rural de Governador Dix-Sept Rosado/RN, frente à formação leitora mediante as falas de docentes que lecionam no local. Dessa maneira, os docentes foram sujeitos dessa pesquisa. O questionário foi instrumento de coleta de dados utilizado para construir informações cruciais acerca do processo de formação leitora dos alunos. A análise dos achados respaldou-se em autores que discutem o objeto investigado, como: Amboni (2013), Baptista (2014), Candido (1995), Colomer (2007), Fernandes (2012), Freire (1996), Rodrigues (2010), Rodrigues (2001), Santos (2014), Viero; Medeiros (2018) e outros. Nesse sentido, tais obstáculos que são enfrentados pelos docentes da Zona Rural, são pela falta de incentivo referente ao prazer em ler livros de forma livre, falta de políticas públicas necessárias à formação leitora, outros impactos também incluem a falta de manuseio dos livros pelas crianças, fazendo com que a leitura seja realizada de forma amarrada e limitada. As reflexões encerraram na clareza de que o contato com a literatura na escola é de suma importância para o desenvolvimento das aptidões cognitivas, e que de toda forma, a literatura está presente em todo lugar vivido, e a inserção social do sujeito na sociedade se dá como cada um enxerga a literatura. Dessa maneira, ler é um direito que independe do espaço aonde se vive e a educação de pessoas inseridas no campo ainda carece de investimentos no tocante à formação leitora, portanto, há muito o que se fazer, pois, existe um mundo na zona rural que também quer ser lido.

**Palavras-chave:** Leitura literária; Formação Humana/Leitora; Educação do campo

## **ABSTRACT**

The work presented here is a qualitative study aimed at understanding what hinders the development of a taste for reading in rural children. Its aim is to verify the obstacles faced by students in the Early Years of Primary School who study at a school in the rural area of Governador Dix-Sept Rosado/RN, when it comes to reading. The research subjects were two teachers who teach in a public school in the rural area of Governador Dix-Sept Rosado. The questionnaire was the research technique used to gather data on the students' reading education process. The analysis of the findings was based on authors who discuss the subject under investigation, such as Amboni (2013), Baptista (2014), Candido (1995), Colomer (2007), Fernandes (2012), Freire (1996), Rodrigues (2010), Rodrigues (2001), Santos (2014), Viero; Medeiros (2018) and others. The reflections ended with the clarity that contact with literature at school is fundamental for the development of cognitive skills and the social insertion of any subject, so reading is a right that does not depend on where you live and education in the countryside still lacks investment in reading education, so there is a lot to be done, because there is a world in the countryside that also wants to be read.

**Keywords:** Literary reading, Human/Literary formation, Education in the countryside.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>LITERATURA COMO MECANISMO DA FORMAÇÃO HUMANA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Saberes tecidos nos meandros da literatura.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Complexidade da leitura: obstáculos que impedem o ato de ler.....</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: A LEITURA LITERÁRIA EM TODO LUGAR.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1</b>	<b>A educação do/no campo.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2</b>	<b>A leitura literária nas escolas de educação do campo.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2.1</b>	<b>A formação humana/leitora pelas mãos da docência.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Ser professor(a) no campo: Ações que despertam o gosto leitor.....</b>	<b>33</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ato da leitura é uma habilidade essencial para todo e qualquer sujeito presente na sociedade. É fundamental para o desenvolvimento cognitivo do ser humano, desde sua infância.

Sabe-se que o ato de ler tem uma história longa e complexa. Os Sumérios, povos que viviam na região da Mesopotâmia (o que corresponde ao território do Iraque), desenvolveram, por volta de 3.500 a.C., um sistema de escrita, que ficou conhecido como “Cuneiforme”. Os símbolos eram marcados na argila como um instrumento no formato de cone (escrita cuneiforme).

A escrita é, no entanto, muito mais do que ‘a pintura da voz’ como queria Voltaire. Tornou-se a suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrático e informação popular (a imprensa) e uma arte em si mesma (caligrafia), para mencionar algumas manifestações. (Fischer, 2009, prefácio).

No entanto, as mudanças recorrentes nos materiais literários chegaram ao que se tem hoje, livros físicos e/ou digitais, e podem ser manuseados por todos os que se submetem ao mundo da leitura.

Os estudos têm sinalizado para a ideia de que a leitura em qualquer idade tem a capacidade de desenvolver a atenção, a concentração, o vocabulário, a memória e o raciocínio. Estimula a curiosidade, a imaginação, a criatividade, ajuda na percepção e a lidar com sentimentos e emoções, sobretudo, auxilia no desenvolvimento da empatia, especialmente a leitura literária, pois, tem a capacidade transformar o indivíduo que se submete a literatura.

Pautada nesta perspectiva, discutir sobre a leitura literária torna-se fulcral, haja vista compreender-se que essa induz ao ser humano entender a si mesmo e ao outro e, ainda que, quando se fala em livros literários, entende-se que em cada história lida existe uma vivência, um sentimento que ultrapassa os sentidos humanos e empodera aquele que tem um livro em suas mãos, até quem jamais teve oportunidade de realizar leituras escritas, através da oralidade consegue manifestar suas ideias e viajar sem sair do lugar ao ouvir uma história contada.

É pensando dessa forma que a presente pesquisa, tem como tema principal a leitura literária nos anos Iniciais do Ensino Fundamental na educação do campo. Esta temática é relevante, tendo em vista que, localidades imersas na zona rural enfrentam desafios para ter acesso à educação e, conseqüentemente, isso afeta a

formação leitora.

Na Zona rural, o acesso à biblioteca é limitado. Por esse motivo, foi criado em 2004, o Programa de Bibliotecas Rurais Arcas das Letras, financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, com o objetivo de incentivar a leitura nas comunidades rurais e quilombolas, com foco na construção de futuros leitores (Rodrigues, 2010). O Programa referido oferecia livros literários para as crianças obterem mais conhecimento, ler, recontar histórias e enriquecer o dia a dia dos leitores rurais que não tinham acesso por residir nessa localidade.

Observa-se que com a falta de acesso aos livros, as crianças tendem a deixar de lado o gosto pela leitura, fazendo com que o número de crianças que não são assíduas à leitura cresça ainda mais no Brasil. Desta prerrogativa surgiu a pergunta de partida desse trabalho: Quais os obstáculos que impedem o desenvolvimento do gosto pela leitura em crianças do ensino fundamental das escolas inseridas no campo?

Em decorrência dessa inquietação, esta pesquisa desenvolveu-se em torno das seguintes problemáticas: O contexto dos alunos da escola da zona rural contribui para o desenvolvimento de suas práticas de leitura? Qual a influência das condições socioeconômicas com vistas à aquisição das competências leitora e escritora nas crianças do campo? Como a docência influencia a relação ativa dos alunos com a leitura?

Diante disso, tem-se como objetivo geral: Identificar os obstáculos enfrentados por alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que estudam numa escola da zona rural de Governador Dix-Sept Rosado/RN, frente à formação leitora. De modo específico, intui-se perceber como a leitura literária influencia na formação humana e leitora; identificar projetos de incentivo à leitura existentes em uma escola da zona rural do município de Governador Dix-Sept Rosado/RN e compreender como é realizada a mediação docente frente ao desenvolvimento do gosto leitor dos alunos da zona rural.

Respalhada na experiência da autora deste trabalho ter sido uma criança nascida no campo, no município potiguar de Governador Dix-Sept Rosado/RN, quase sem acesso à leitura de literaturas devido estudar em escolas rurais que sofriam com a carência de condições de todos os tipos para o seu funcionamento, hoje, ao olhar a própria história e sentir as lacunas que ultrapassaram o tempo deixando para trás a trajetória de uma formação leitora que somente hoje na idade

adulta se perfaz, emerge a preocupação de que isso pode estar sendo vivido atualmente pelas crianças matriculadas em escolas da zona rural. E, ainda, por ouvir relatos de colegas e professores da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN de que não são assíduos à leitura literária, porque estudaram em escolas do meio rural é que resolveu-se escolher esse tema de pesquisa.

Pode-se dizer que não há nada impossível frente às intempéries da vida, porém, considera-se inadmissível que o contato com obras literárias que tecem sentidos e significações ao sujeito, ainda assentem no estado brasileiro um cenário de baixa proficiência leitora, ocupando a 57<sup>o</sup> posição na avaliação feita pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), junto ao Ministério da Educação<sup>1</sup>.

Frente a isso, esta pesquisa assumiu um caráter qualitativo, haja vista não haver intenção de quantificação na coleta de dados, mas, a compreensão dos fenômenos que se estabelece nos achados (Gil, 2002). A análise qualitativa é compreendida por um conjunto de técnicas diferentes que podem ser interpretadas, visando descrever e decodificar o que está sendo pesquisado (Neves, 1996). Esse tipo de pesquisa contemplou esse trabalho, pois a quantificação de dados numerados não é o foco e sim constuir informações escritas do que refere aos objetivos pretendidos.

Os colaboradores da investigação foram duas docentes de uma escola pública localizada na Zona Rural da Cidade de Governador Dix-Sept Rosado/RN, denominadas *Professora A* e *Professora B*, para manter sigilo de suas falas. Foi ressaltado que a referida pesquisa não tem o caráter de comprometer ou ferir a imagem das docentes mediante o trabalho que realizam com a leitura, mas, construir dados para verificar se os projetos pedagógicos estão contribuindo para o desenvolvimento do gosto pela leitura nos alunos.

A técnica de investigação utilizada compreendeu um questionário com perguntas abertas, com o intuito de requerer opiniões sobre as vivências dos investigados no que se refere ao processo de formação leitora para os alunos.

O questionário é um instrumento de coleta de dados muito utilizado por

---

<sup>1</sup> Dados retirados do site: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>. Acesso em 26/05/2023.

pesquisadores na atualidade, quando se trata em verificar opiniões numerosas. Muito se faz presente nas pesquisas e em trabalhos monográficos, dissertações e outros projetos.

Segundo Gil (2002), consiste em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos. Não há normas rígidas para a elaboração do questionário, todavia, compreende-se que para ter exatidão na pesquisa proposta, se faz necessário regras básicas, tais como: questões claras e objetivas, facilitando a leitura e compreensão do entrevistado, devem ser incluídas apenas perguntas pertinentes ao problema de pesquisa. Normalmente os questionários classificam-se como os compostos por perguntas abertas, que são de caráter livre, como é o caso desta pesquisa. Há os tecidos com questões fechadas que compreendem apenas perguntas de múltipla escolha e, há ainda, o questionário de perguntas semi-abertas, ou seja, contém ambas as perguntas sempre de acordo com a intenção e necessidades do entrevistador (Gil, 2002).

Traz vantagens como a economia e rapidez e conhecimento com a realidade do entrevistado, todavia também tem limitações no quesito de poder resultar em dados distorcidos, pois a percepção de cada um é subjetiva, também pode trazer pouca profundidade nos processos sociais, pois como as perguntas tem um objetivo, muitas questões podem ser deixadas de lado. Por fim, não permite variação de resposta, visto que o questionário pronto tende-se a limitar a fala do entrevistado. Esse instrumento atendeu a intenção da pesquisa por requerer informações acerca das opiniões dos entrevistados, calçadas na singularidade de cada pessoa (Gil, 2002). O questionário se fez crucial por não necessitar de ir á campo, pela necessidade de traslado aumentando custo e a demora no levantamento dos dados.

O questionário foi enviado aos sujeitos da pesquisa via *Google forms*, por meio do aplicativo do *WhatsApp*. Haja vista a necessidade que todo trabalho de pesquisa em perseguir fundamentos teórico-metodológicos para a sua tessitura, as categorias aqui estudadas foram fortalecidas com o apoio de teóricos que a embasaram, dentre tantos foram: AMBONI (2013), COLOMER (2007), FREIRE (1989; 1996), MANKI (2013), NOBRE (2020), VILLARD (1999), entre outros.

No tocante ao trilhar metodológico, esta monografia desenvolveu-se por meio de momentos considerados interdependentes:

- (a) Leitura analítica dos aportes teóricos que subsidiam os estudos acerca

das categorias de análise aqui instituídas: Leitura literária, Formação Humana/Leitora, Educação no campo.

(b) Elaboração de questionário e envio por meio de plataforma virtual aos docentes, sujeitos da investigação;

(c) Análise reflexiva das respostas dadas ao questionário, subsidiada por aparatos de teóricos que fundamentam o estudo em consonância com os posicionamentos dos sujeitos da pesquisa.

O trabalho monográfico que aqui se apresenta, está dividido em tres sessões. A primeira é introdutória. Nela estão impressas especificidades gerais da pesquisa, desde o seu surgimento até as impressões construídas em seu decurso.

Na segunda seção estão esboçadas as posturas de autores que dialogam sobre a literatura e a importância do ato de ler e sua contribuição para a formação humana e leitora, seguido de dados sobre o cenário leitor no Brasil, elencando aspectos que dificultam o acesso do sujeito à leitura.

Na terceira seção está traçado um breve histórico sobre o surgimento da educação no campo e sua relevância social, assim como apresenta-se dados que demonstram como é o acesso à leitura literária no campo. Na sequência, destaca-se sobre a importância do(a) professor(a) da educação no campo frente à formação leitora, a partir dos dados construídos na pesquisa com os docentes. Por fim, estão as considerações finais alicerçadas pelos saberes que se constituíram no decurso da investigação.

## **2 LITERATURA COMO MECANISMO DA FORMAÇÃO HUMANA**

A epígrafe que abre esta seção anuncia que o ser humano vive em constante evolução em sua trajetória de vida, desde o nascimento até o momento final de sua existência. A formação do sujeito em sua totalidade se dá através do contexto em que está inserido, a cultura, costumes, crenças e da relação com a natureza. Marx (2004) enfatiza que a relação do homem com a natureza possui um movimento de via dupla, onde o homem transforma a natureza e nesse processo, o próprio homem é transformado. Nesse ínterim, pode-se afirmar que a formação leitora está imbricada em cada momento vivido, afinal, lê-se o mundo, a si mesmo e a palavra. Esta tríade evoca que a medida em que o sujeito lê, transforma-se.

Partindo disso, nesta seção será discutida como a literatura pode ser aliada ao processo formativo do ser humano.

De acordo com Santos (2014 p. 13):

Os seres humanos, em oposição aos animais, não nascem com as habilidades apreendidas, as quais devem realizar para dar continuidade à existência da espécie. As habilidades são passadas por outros indivíduos e pelos instrumentos que já estão de posse dos seres humanos, historicamente decantados pela humanidade.

Nessa perspectiva, compreende-se que os seres humanos apropriam-se de conhecimentos a partir do primeiro convívio com a cultura familiar. Nas famílias que vivem no campo, as crianças desde cedo já começam a ouvir histórias contadas pelos avós, tios e pais, dessa forma passam a vivenciar os costumes e fazerem parte do campo, ao ponto de tornarem-se aptos a socializarem seus conhecimentos prévios para outras pessoas. É importante destacar que,

O Ser Humano, por não receber qualquer determinação por natureza, pode construir o seu modo de vida tendo por base a liberdade da vontade, a autonomia para organizar os modos de existência e a responsabilidade pela direção de suas ações essa característica do ser humano constitui o fundamento da formação do sujeito ético (Rodrigues, 2001, p. 232).

Para tanto, é necessário entender que para o sujeito ter liberdade, precisa compreender seu papel social e conseguir organizar-se, estabelecendo seu lugar no mundo, trazendo seus costumes e saberes, responsabilidades, conceitos morais e éticos a fim de corroborar com uma sociedade igualmente justa. Entende-se,

portanto, que esse processo se dá pelo conjunto de conhecimentos adquiridos em sua trajetória de vida, sendo primeiramente no ambiente familiar, logo após na escola com os professores e colegas e outros setores sociais que assumem a leitura da palavra e do mundo como possibilidade formativa. Nesse pensamento, a leitura da literatura está presente nesse meio como arte por ser percebida como “a arte do belo” [...] “a arte da palavra” (Campos, 1992 p. 13).

Pautados nisso, pode-se dizer que a educação é contributo essencial à formação do indivíduo em sua totalidade e, o ato de ler histórias literárias, seja em casa ou na escola se torna indispensável, haja visto que corrobora transformação de si.

A literatura tem um papel fundamental para a construção do ser humano, por isso,

O objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolúvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (Colomer, 2007, p. 31).

Considera-se que, a partir da ótica da autora acima, a literatura surge como uma oportunidade de transformar o indivíduo em um ser pensante e crítico, obtendo uma formação humanizada, aspecto que centraliza a relevância da leitura literária em todos os ambientes educativos, estejam eles no campo ou na cidade, já que sabe-se que o sujeito está ligado diretamente com a natureza, a natureza ligada à literatura e a literatura ao homem.

Quando se trata da educação de crianças do campo, compreende-se que o sujeito residente neste contexto também está interligado na tríade acima destacada (natureza - literatura - ser humano), constituindo a sua formação humana.

No contexto da formação humana, sabe-se que todo sujeito está entregue às várias mudanças que podem ocorrer durante a vida inteira, e “essa formação humana é resultante de um ato intencional, que transforma a criatura biológica em um novo ser cultural” (Rodrigues 2001, p. 240-241).

No entanto, esse ser cultural passa a compreender o mundo de uma forma totalmente diferente, quando se depara com um livro e se debruça nas palavras daquela história lida. Começa a ampliar os conhecimentos preexistentes, obtém experiências novas, aguça os sentidos e desperta o senso crítico. Tais prerrogativas

assentam que o contato com a literatura transporta paulatinamente o sujeito para espaços e vivências inimagináveis, mesmo quando este possui ou não o domínio leitor.

Souza; Feba (2011, p. 81) destacam que,

A literatura inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, desenvolvendo a competência literária, cuja formação se produz através do hábito leitor. Possibilita também, a participação ativa do sujeito como leitor fazendo dele um ser crítico, reflexivo, capaz de elaborar suas próprias interpretações, além de o auxiliar na construção dos símbolos e na convalidação dos sistemas de crenças e valores.

Pode-se afirmar que quando insere-se a literatura na vida de uma criança, a probabilidade da mesma se tornar alguém participativo em questões sociais pode ser significativa, pois,

a leitura no caráter formador faz com que as crianças apreciem a essência da arte literária, possibilitando uma inter-relação com seu cotidiano. Quanto mais oferecermos literatura às crianças, mais elas estarão capacitadas a entender o texto, (Souza; Feba, 2011, p. 83).

Consequentemente, a compreensão do lido está associado ao vivido, daí, o sujeito passa a tecer humanamente o seu viver e o ambiente, a cultura e seus sujeitos poderão somar para que essa criança cresça com o interesse de realizar diversas leituras e se aproximar ainda mais da ação de ler e assim formar-se humanamente.

## **2.1 Saberes tecidos nos meandros da literatura**

Durante séculos a literatura era destinada somente a classe dominante e as pessoas menos favorecidas nem sequer pensavam em se debruçar em um livro e sentir o que nele estava escrito.

Os registros históricos apontam inúmeros conceitos de literatura, tais como “a literatura é o homem” (Campos, 1992, p. 13). Silva (1993) também defende que a literatura se trata de uma arte, um patrimônio cultural, e muitas são as narrativas do que de fato seja, mas, de toda forma, cada indivíduo possui o poder de dar significado a leitura lida, mediante ao que sente naquele determinado momento.

Por outro lado Casarini; Fredericis (1988, p. 37) enfatizam que a literatura é um suporte de suma importância e um modelo para se compreender e representar a

vida interior, os afetos, as ideias, os ideais, as projeções fantásticas e também modelos para representarmos nosso passado, o de nossa gente e o dos povos, a história.

Assim, pode-se perceber que mergulhando nos entremeios da palavra e seus sentidos, o sujeito vive emoções e aprende com elas, e dessa maneira passa a conhecer a si mesmo e ao mundo ao seu redor.

Por sua vez, Candido (1995 p. 174) explica:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

O autor ainda destaca que a “literatura aparece de forma clara e evidente como uma manifestação universal em todo o tempo e em cada lugar e que não há nenhum ser humano que possa viver vinte e quatro horas sem entrar no mundo fabulado” (Candido, p.176, 1995).

A postura de Candido (1995) submete à reflexão de que a literatura é parte do sujeito, já que mesmo cada um tendo uma história própria, por vezes, aparecem pedaços de vida retratados nos textos literários, por isso,

Ao leitor do texto literário cabe, então, não só compreender, mas também imaginar como a realidade poderia ser diferente; não só compreender, mas transformar e transformar-se; não só transformar, mas sentir o prazer de estar transformando.(Silva, 1993 p. 27)

As análises feitas dos posicionamentos teóricos que norteiam o estudo da literatura enquanto contributo à formação humana têm sinalizado que a literatura é uma arte importante quando se fala em formação de sujeitos, pois, é capaz de transformar o mundo de uma forma totalmente simbólica, levando as pessoas a desencadearem pensamentos que jamais pensariam e contribuir de forma totalmente significativa em sua formação para a vida.

Contudo, é importante destacar que,

as nossas crianças, lamentavelmente, enfrentam inúmeras dificuldades para rodar o pião da leitura! A falta de condições é indiscutível: não há livros (em casa, na escola, na biblioteca), não há espaço para ler, não existe

vinculação entre o lido e o vivido, etc...etc...E como as nossas crianças, condicionadas pelos organismos sócio-culturais, passam rapidamente a detestar a leitura. (Silva, 1993, p. 9).

As dificuldades destacadas por Silva (1993) são comuns ao estado brasileiro e muito preocupa os que estão diretamente ao desenvolvimento do sujeito, família e escola, haja vista que, para se ter êxito na formação humana em totalidade, necessita-se obter conhecimentos que saem do ambiente de convívio do sujeito e permitem viajar imaginariamente para outros lugares.

Todo conhecimento que o leitor possa ter, encontra-se armazenado na memória, e esta, por sua vez, organiza-o adequadamente, gerando espaço para as inúmeras informações que esse mesmo leitor agregará para si, ao longo de sua rotina como praticante da leitura.(Krug, 2015, p. 4)

Com esse pensamento é que surge a necessidade do ato de ler para formação do sujeito em sua totalidade, como uma forma de libertação de amarras que podem surgir no decorrer da vida terrena.

Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Candido, 1995, p. 174-175).

Ainda nessa perspectiva de formação humana, sabe-se que todo sujeito está entregue a várias mudanças que podem ocorrer durante sua vida inteira, e “essa formação humana é resultante de um ato intencional, que transforma a criatura biológica em um novo ser cultural” (Rodrigues, 2001, p. 240-241).

Para tanto, esse ser cultural passa a compreender o mundo de uma forma totalmente diferente, quando se depara com um livro e se debruça nas palavras daquela história lida, ele começa a ampliar os seus conhecimentos preexistentes, obtém experiências totalmente diferentes, aguça os meios de expressões e desperta o senso crítico. É importante enfatizar que a leitura de literatura traz liberdade e transformação, pois ela é capaz de criar a imaginação naquele que lê e suscita intuições sobre a vida.

Silva (1993, p. 14), destaca que “quando somos fisgados pelo texto e empaticamente acompanhamos as personagens no miolo da trama, enfrentamos conflitos e superamos obstáculos”.

Necessário se faz compreender os tipos de literatura e a função de cada uma, para entender como é realizada a distribuição de livros no país. Silva (1993, p. 14), explica em seu texto que existem dois tipos de literatura e que são denominadas de: “*Obras de consumo*: se encaixam perfeitamente aos ditames da sociedade, de consumo e ao capitalismo fetichista e embrutecedor. *Obras de fruição*: sua preocupação é a expressão e a transformação da vida dos homens”.

Essa distinção remete a compreender que é desnecessário definir qual tipo de obra destina-se ao contexto de cada localidade, pois o que realmente importa é garantir que exista de fato leitores nesses lugares, mas, sobretudo, que essas pessoas tenham gosto pela leitura, já que,

Em verdade, fruir o texto literário e crescer pessoalmente ou transformar-se politicamente são partes de um mesmo ato. Ao leitor do texto literário cabe, então, não só compreender, mas também imaginar como a realidade poderia ser diferente; não só imaginar, mas transformar e transformar-se; não só transformar, mas sentir o prazer de estar transformando (Silva, 1993, p. 26).

A habilidade de ler ultrapassa limites de decodificação, no entanto, muitas pessoas, ao folhear um livro, sofrem dificuldades de interpreta-lo, dependendo do tipo de leitura e se o sujeito compreende o que está sendo escrito.

Nesse ponto, não há dúvidas de que a leitura de literatura é eficaz desde a infância, e quando se trata do ambiente do campo, se faz mais necessário, ainda, “apresentar o mundo da literatura, enquanto instrumento de comunicação, de interação social, transmissão de conhecimento e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (Candido, 1995, p. 04).

Souza (2011, p. 149-150), afirma que,

A literatura tem a função humanizadora porque, enquanto seres humanos temos uma necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensivo ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação e das necessidades elementares.

Pensando dessa maneira, a literatura faz essa relação com a fantasia e a

realidade, fazendo com que seja prazeroso conhecer esse mundo e curioso, caracterizando-se assim o gosto literário.

Para aquele que se encanta com palavras, que chora com histórias, que sonha com personagens, que embala seus momentos com a ficção... todos os dias são dias para se aventurar pelo desconhecido, espiar amores, imaginar sabores, viver outras vidas, perder ou vencer batalhas... virando uma página. Só o leitor, aquele que lê por prazer e até por vício, sabe que as palavras escritas não são combinação de letras, mas depositárias de emoções e conhecimentos. (Failla, 2021, p. 10).

À luz do exposto, imagina-se que quem reside no campo e tem a oportunidade de ler livros literários em casa com seus familiares, ampliará ainda mais seus conhecimentos e sua cultura, bem como, transforma-se em “pessoas melhores nas relações interpessoais e intrapessoais” (Silva; Penha, 2017, p. 6).

Sendo assim, entende-se que a leitura literária tem um papel significativo para a formação de pessoas em sua totalidade, que, sobretudo, é necessário compreender que um sujeito sem leitura está totalmente desalinhado com a cultura e a sociedade.

A grosso modo, constata-se que quem ler, compreende o mundo e a si mesmo, mas sobretudo que a literatura também se encontra na leitura de mundo, no ato que o homem se manifesta com sua própria essência e a natureza que o cerca, não precisamente necessita-se de leitura escrita para que a história seja repassada.

## **2.2 Complexidade da leitura: obstáculos que impedem o ato de ler**

De acordo com o que foi exposto anteriormente, dar-se a perceber que a literatura tem influência positiva para quem se dispõe a lê-la e senti-la. Entretanto, mesmo perante tantos benefícios ligados à leitura de livros literários, muitas crianças têm dificuldade de começar a ter prazer em ler, aspecto que, neste trabalho monográfico, tramita enquanto hipótese e sugere inquietações do porquê acontecem esse obstáculo junto à educação do/no campo.

Décadas atrás já se questionava a esse respeito. Veja o que diz Silva (1993, p. 30-31):

Se a leitura está tão apertadamente amarrada à educação dos indivíduos, então porque existe tanta aversão à leitura nos dias de hoje? Se a leitura serve a propósito de formação e de informação, então porque este distanciamento tão patente entre as pessoas e os livros? Porque existe uma

crise de leitura na escola e na sociedade brasileira como um todo?.

Essa crise de leitura é muitas vezes atrelada a várias causas, seja por desinteresse dos pais, da equipe escolar, ou até mesmo a criança. No entanto, Souza; Feba (2013, p. 79) afirmam que “a leitura e a literatura vêm sendo supostamente ensinadas de forma errônea na escola, principalmente quando observamos o modo com os professores têm usado a leitura em sala de aula.” Esta postura remete a refletir sobre as condições pedagógicas com as quais a literatura é apresentada nos ambientes escolares da cidade e do campo.

Diante de percalços que submete o Brasil, transita-se agora por passagens e concepções acerca de prerrogativas que dificultam o ato de ler. Inicia-se com Silva (1993, p.18) que, através de pesquisas realizadas em escolas de Campinas, percebeu que a oferta da leitura ocorria somente na escola e se apresentava como um círculo fechado, envolvendo somente as obras da chamada “literatura pedagógico”.

Esse cenário reporta-se aos anos 90 do sec. XX, no Brasil, onde os professores eram mal remunerados e quase não tinham acesso a formações que pudessem estimular a leitura dos alunos, tendo também que conviverem nas escolas com muitos pais de alunos que não eram alfabetizados e, fora dela, com o desinteresse da classe social dominante frente ao contato do sujeito com o livro, almejando manter na ignorância a camada social mais pobre (Silva, 1993).

Após esse momento começaram a ser criados programas para permitir acesso a livros nas escolas em prol de formar leitores, como a biblioteca física, com livros separados em generos textuais. Entrando no contexto do campo, o Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras foi implantado oficialmente em dezembro de 2003, “com a entrega de mais 50 bibliotecas para as comunidades rurais do Nordeste, tendo sido ampliado inicialmente nas comunidades adjacentes, na mesma região dos projetos pilotos”. (Rodrigues, 2010, p.33).

A experiência com programas e projetos de incentivo à leitura, desencadeou avanços sentidos em meados de 2015, quando a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revelou que,

de 2015 a 2019, sofremos uma perda: passamos de 104,7 milhões de leitores para 100,1 milhões – uma queda de 4,6 milhões, mais acentuada

nas classes A (de 76% de leitores para 67%) e B (de 70% para 63%) e entre os que cursaram o Ensino Superior (de 82% para 68%)” (Failla, 2021, p.11).

Nesse mesmo período a autora fala que em suas pesquisas foram apontados índices positivos de leitores adultos, abrindo os dados, a mesma descobriu que o livro mais lido no ano de 2015 era o livro sagrado cristão, Bíblia, ainda continuando sendo o livro mais lido até o ano de 2022.

Failla (2021) lamenta que por mais que o acesso à leitura através de bibliotecas e uso de internet tenha aumentado de forma significativa, o índice de leitores não avança e isso é de toda forma, alarmante. Enfatiza que “nenhuma sociedade pode melhorar seu patamar de desenvolvimento humano, reduzir desigualdades sociais e construir uma democracia sólida se quase metade da sua população não é leitora” (Failla, 2021, p.24). A mesma autora destaca que a ausência de compreensão sobre o que é lido é alarmante e sinaliza que isso se deve a ausência de instrumentos básicos para que a aprendizagem da leitura aconteça.

A criação de políticas públicas, a seleção de materiais literários de interesse do alunado e o ensino da leitura enquanto mecanismo de transformação também é visto como irrisórios mediante o panorama leitor brasileiro.

Reflete-se, porém, que para criar políticas públicas que enfatizem a importância da leitura literária se faz necessário o conhecimento das problemáticas de diversos contextos existentes tanto no âmbito da cidade como no campo, pois, é necessário que exista não só conhecimento sobre estas realidades, mas, sobretudo, tenha-se sensibilidade pelas pessoas residentes em localidades menos favorecidas, pois são elas as mais prejudicadas.

Outro aspecto que dificulta a formação leitora é a impossibilidade de manuseio dos materiais literários existentes na escola, fato recorrente nos espaços de ensino que, por vezes, não despertou para o ideal de que se os livros existentes continuarem empoeirados nas prateleiras das bibliotecas, quando estas existem, muitas histórias irão ser perdidas por não serem lidas (Silva, 2003).

Para Failla (2021, p. 15)

Conhecer os não leitores e por que não leem é fundamental para orientar políticas, programas e ações de governos e da sociedade civil, mas é especialmente importante para orientar as ações do IPL e da cadeia produtiva do livro.

O discurso da autora acende a reflexão de que há a consciência do problema no cenário nacional, no entanto, atenta para a necessidade de combate a situação que se apresenta com vistas à propagação de uma formação leitora assistida.

Observa-se que o crescimento das tecnologias tem entrado em questão para várias discussões a respeito da formação leitora dos indivíduos. Hoje em dia com a criação de redes sociais ativas, as pessoas têm passado seu tempo livre nessas redes seja pelo aparelho celular ou computador, assim deixando à margem os livros.

Conforme Failla (2021, p. 28),

A pesquisa revela que 86% desses leitores usam com frequência o WhatsApp (eram 76% em 2015). As redes sociais (Facebook, Instagram ou Twitter) também parecem roubar o tempo para os livros, pois foram citadas por 64% dos que tinham nível superior, enquanto o percentual dos que leem livros no tempo livre foi de 42% entre os que atingiram esse nível de escolaridade (eram 46% em 2015).

Essa realidade é totalmente preocupante, pois não se trata somente de não ter acesso, mas de não ter incentivo para praticar a leitura literária em livros desde cedo, porque algumas crianças desde pequenas já são introduzidas no mundo das redes sociais e jogos eletrônicos, e como consequência pode-se ter posteriormente um avanço de analfabetos funcionais na sociedade.

Nesse sentido, é preciso encontrar caminhos que avancem além da aviltante constatação de que muitas crianças não desfrutam, desde o nascimento, do convívio com fontes letradas.

### **3 A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: A LEITURA LITERÁRIA EM TODO LUGAR**

Nesta seção será realizada uma contextualização sobre como surgiu a Educação do Campo no Brasil e sua contribuição à sociedade e serão expressos os dados empíricos que apontam o panorama da leitura no ambiente do campo, lócus da investigação.

#### **3.1 A Educação do/no Campo**

A Educação do/no Campo é um termo dado ao ensino voltado para as crianças que residem nos ambientes rurais, eles são os agricultores, criadores de animais, pescadores, quilombolas, indaígenas e ribeirinhos que estão em todo lugar do Brasil, são caracterizados principalmente por residirem nessas localidades e praticarem atividades agrícolas para sobrevivência.

O que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho com a terra, a organização das atividades produtivas mediante mão de obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança, que valorizam as festas comunitárias e de celebração da colheita, o vínculo com uma rotina de trabalho que nem sempre segue o relógio mecânico. (Serodio & Katuta, 2013, p.265).

Os sujeitos do campo sempre estiveram buscando conquistar seu lugar na sociedade. Por meio da educação começaram a ter mais oportunidade de assumirem na reforma agrária seu direito como cidadã da sociedade e ter a noção de pertencimento no lugar onde vive, a partir do momento em que foram inseridas nas escolas e começaram a aprender e entender seu lugar no mundo. Sobretudo, a educação no campo possibilita que esses sujeitos possam se desenvolver integralmente, respeitando seu espaço, cultura e valor no mundo.

Segundo Caldart (2012, p. 259), esta modalidade educativa representa um fenômeno no Brasil, marcado pela luta dos trabalhadores rurais em desfrutar dos processos educacionais, enquanto direito. Pode-se dizer que essa luta advém de tempos passados repletos de fatos determinantes para a construção da educação de qualidade, visto que, o cenário foi de muita luta desde a chegada dos portugueses às terras brasileiras.

No Brasil, a educação foi iniciada pelos jesuítas, com a missão de “educar a nova colônia portuguesa” (Viero; Medeiros, 2018, p. 15). Era um projeto educacional iniciado em 1549, com o intuito de propagar a doutrina católica, transmitir normas e leis, ensinar como se comportar, realizar ofícios e ministrar o desenvolvimento econômico. Logo mais foram também instaladas escolas de humanidades, mas novamente voltado aos filhos dos colonizadores, onde quem exercia o papel de professor na sala eram os religiosos denominados “Companhia de Jesus”. (Viero; Medeiros, 2018 p. 15).

Dessa maneira, observa-se que no Brasil, mesmo com a maioria das pessoas vivendo na zona rural, a educação tampouco chegava a essa população.

Voltando um pouco no tempo, observamos que no Brasil colônia, apesar de a população viver quase que em sua totalidade no meio rural, a educação era pensada apenas para os cidadãos que viviam na cidade, percebe-se que apesar do país ser predominante rural, não se pensava em uma educação específica para o meio rural (Viero; Medeiros, 2018 p. 17).

Nesse momento histórico, as pautas do campo não entravam em discussão, aumentando ainda mais a exclusão das pessoas que residiam no campo, mantendo-as sem formação escolar, no entanto, sendo forçada a trabalharem nas lavouras com seus familiares, dessa maneira, a agricultura era única saída (Bavaresco; Rauber, 2014).

A partir do século XIX as escolas do meio rural começaram a ser construídas, mas não funcionavam, pois não possuíam recursos necessários para atuação, muito menos profissionais que pudessem ensinar as crianças. No que tange a educação do campo, Viero; Medeiros, (2018 p. 17) também relatam que “na Lei de 15 de Outubro 1827, o Art. 1º estabelece que em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias”. A referida Lei tratava sobre a ordem dada por Dom Pedro I frente à criação de escolas em todos os espaços brasileiros. A partir desse momento, o campo passou a ser apresentado como um local de oportunidades para se obter lucro na economia, pois logo após isso, as pessoas poderiam começar a serem alfabetizadas e, conjuntamente, realizar atividades econômicas para os fazendeiros, donos das terras.

Segundo Viero; Medeiros, (2018) com a proclamação da república, a abolição dos escravos e a imigração europeia a população do campo aumentou, gerando a

necessidade de criação de uma educação que atendesse as pessoas do campo, embora fosse de forma totalmente limitada, porque as próprias pessoas residentes desses lugares também eram resistentes ao ensino, já que suas práticas principais eram a lavoura, a agricultura e o pastoreio de animais.

Na crise agrária em 1920, muitos indivíduos do campo começaram a se deslocar para a zona urbana, com isso o custeio para produtos agrários iria aumentar drasticamente, dessa maneira, foi pensada formas para manter essas pessoas nessas localidades, sem precisar saírem de suas terras, sendo assim, foi lançada a proposta de consolidar políticas educacionais em contexto profissionalizante, denominada Educação Rural e Agrícola (Viero; Medeiros, 2018).

No que se refere a Educação Rural, Fernandes (2012, p. 62, *apud* Souza, 2006) ressalta que, “no ano de 1937, foi criada a Sociedade Brasileira de Educação Rural com o objetivo de expansão do ensino e a preservação da arte e do folclore rural.” Em 1940, a Comissão Brasileira-Americana de Educação das Populações Rurais foi iniciada, e seu principal objetivo era implantar projetos educacionais e edesenvolver o meio rural. Ainda com percalços essas mudanças foram ocorrendo e o ensino passa a ser público e laico, contudo, “as diretrizes para o Plano Nacional de Educação são demarcadas em linhas gerais, não deixando claro o que, especificamente, estaria reservado às escolas rurais” (Fernandes, 2012, p. 62).

Fernandes (2012, *apud* Souza, 2006) ainda aponta que, em 1937, a Sociedade Brasileira de Educação Rural foi criada, objetivando a expansão do ensino e preservação da arte rural e do folclore nesse contexto. Mediante essas implantações, o meio rural foi sendo mais visto e começou-se a repensar os direitos das pessoas, passando a compreender que o campo também fazia parte do território brasileiro e necessitava de um olhar empático e crítico.

É nesse cenário que Viero; Medeiros (2018 p. 28 *apud* Nogaró; Piran; Zaffari, 1996, p. 26-27) explica que,

Paulo Freire tem o mérito histórico de ter sido o que melhor interpretou e com mais facilidade formulou uma verdadeira “pedagogia do oprimido”. Buscou a prática da liberdade em diferentes áreas do trabalho popular, seja em nível sindical e partidário, seja nas mais diversas associações e movimentos sociais.

A partir de 1970, foram criados projetos para combate do analfabetismo nas localidades rurais do Brasil, como o Programa de Expansão e Melhoria da

Educação no Meio Rural do Nordeste (EDURURAL), que veio a funcionar na década de 1980, para melhorar a educação no meio rural. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha como objetivo principal cessar a analfabetização nas zonas rurais e urbanas (Viero; Medeiros, 2018 p. 28).

No final da década, é criado o III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto – PSECD (1980-1985), que surge com a proposta de priorizar as populações carentes do meio rural e das periferias urbanas, visando corrigir, pela indução governamental, os problemas sociais gerados pelo desenvolvimento econômico (Andrade, 1993,p.24).

Isso vem a comprovar que os programas EDURURAL e o MOBRAL foram insuficientes para a erradicação do analfabetismo no Brasil conforme destacam Viero; Medeiros (2018).

Em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), assegurou-se uma educação de qualidade para os alunos do meio rural (Amboni, 2013, p. 2). Nesse cenário surge a Educação no Campo, totalmente vinculada com as lutas do campo e seus movimentos sociais dando voz ao povo que um dia já foi esquecido e que, a partir desse momento começa a ganhar uma voz significativa.

Então, a expressão que antes era educação rural, voltada ao pensamento capitalista, agora tem mudanças na expressão e no sentido, pois não se trata somente de um ensino tecnicista, mas algo para a formação do sujeito.

Caldart (2004, p. 13) destaca que,

Educação do Campo e não mais educação rural ou educação para o meio rural. A proposta é pensar a educação do campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de lutas de suas organizações.

É de suma importância expressar que essa substituição demarca uma luta social, colocando as questões rurais em pauta com objetivos plausíveis, onde se busca valorização e práticas de ensino favoráveis, pois, nesse contexto existe uma cultura própria, tem um papel social relevante e isso tem buscado desde sempre que sua identidade ganhe reconhecimento.

Para Baptista, (2014 p.18 *apud* Freitas & Ghedini, 2013, p. 290),

---

<sup>2</sup> Movimento Brasileiro em Prol da Alfabetização. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 31/10/2023.

Quem faz a escola do campo são os povos do campo, organizados e em movimento. Se a escola do campo é aquela que trabalha desde os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores do campo, ela somente será construída desse jeito, se os povos do campo, em sua identidade e diversidade, assumir este desafio, não sozinhos, mas também não sem sua própria luta e organização.

Assim, é importante enfatizar que a luta por ensino de qualidade não para por aqui e ainda é necessário perceber essas pessoas e entender que é somente com a educação que se pode formar sujeitos para qualificação profissional e também pessoas humanizadas (Baptista, 2014), portanto, investir esforços para que a leitura de si, do mundo e da palavra assentem-se nos momentos vividos pelos sujeitos nas escolas do campo.

### **3.2 A Leitura Literária nas escolas de Educação do Campo**

No decorrer dos anos, com a trajetória de luta traçada pelas pessoas do campo, é necessário verificar como está sendo realizado o incentivo ao aprendizado dos alunos que frequentam as escolas campesinas, especialmente no que tange à formação humana e leitora.

No que se refere a leitura, é importante mencionar que “o ato de ler torna-se uma atividade social, mesmo que feito individualmente” (Baptista, 2014, p. 15), então, essa prática não deve ser limitada somente à escola, tão pouco a criança já nasce sabendo-a. É com motivação, oportunidade de contato com materiais literários e acompanhamento do desenvolvimento cognitivo que cada indivíduo avança cognitivamente. Lajolo (2004, p. 07) destaca que “ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]”. Os apontamentos da autora incitam à reflexão de que é na escola da vida é onde aprende-se o significado do que é pertencer ao mundo.

Portanto, torna-se indispensável a instituição de programas e projetos educativos que incentivem a leitura prazerosa nos lares e nas escolas, especialmente em localidades onde tudo parece ser mais difícil.

Nascimento; Ribeiro; Souza ( 2019, p. 6) explicam que,

Concomitante a isso, é dever da escola garantir que a realidade da comunidade seja inserida e valorizada no ambiente educativo, buscando com isso ressignificar sua identidade cultural. Portanto, em hipótese alguma podemos dissociar do processo de formação do leitor os elementos culturais que ele carrega em sua bagagem, uma vez que esses elementos são partes constituintes dessa identidade cultural.

Baptista (2014) também ressalta que a própria leitura pode ensinar a ler e a gostar de ler, trazendo satisfação e ajudando o leitor a ter critérios e opiniões sobre o lido. Por essa razão, o aluno do campo precisa ser visto como alguém que também tem a capacidade de criar seu próprio gosto literário, pois, “não podemos dizer aqui que os alunos da escola do campo não leem, porém a leitura que fazem possui uma função própria de sua condição e o professor não pode permitir que ele se limite a isso” (Nascimento; Ribeiro; Souza, 2019, p. 6).

Sendo assim, é responsabilidade da escola um conjunto de práticas formativas que priorizem os alunos, suas particularidades, sem limitá-los frente ao desejo por aportes literários, já que conforme Baptista (201, p. 24) “o interesse pelos livros não é algo que aparece de repente”. Com base no exposto, pode-se refletir que é fundamental motivar o contato das crianças com obras literárias de modo livre. De nada adianta apresentar a leitura de forma forçada, pois “quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece freqüentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido” (Baptista, 2014, p. 23). Tal situação pode recair sobre o distanciamento das crianças do campo, do livro, haja vista que estas são, por vezes, limitadas de recursos didáticos, carentes de materiais e de projetos de fomento à formação leitora, como apontam-Nascimento; Ribeiro; Souza ( 2019, p. 5):

Não podemos negligenciar que o desafio e as dificuldades são ainda maiores, uma vez que o trabalho nesse contexto é de certa forma, diferenciado no que se refere, principalmente, a condição precária em que vivem os alunos, os quais sofrem, entre tantas outras coisas, também pela falta de acesso a situações de incentivo à leitura no contexto familiar, cabendo à escola suprir essa necessidade tão peculiar a formação do leitor.

Complementando o posicionamento acima destacado, Barros (2014, p. 21) enfatiza que alunos camponeses enfrentam muitos desafios mediante o ato de ler, com ênfase.

(...) à má formação das habilidades necessárias à leitura como, por exemplo, ler muito devagar, não compreender o que lê, não ter paciência para ler, não possuir concentração para a leitura. (...) -Aliado a esses fatores, existem problemas de diversas ordens como as alegações de falta de

tempo, desinteresse pelos livros e falta de bibliotecas.

Diante desse cenário, observa-se a emergência de programas de incentivo à leitura literária nas escolas da zona rural. Um dos programas que ganhou destaque nos anos 2000 foi o "Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras" que foi aplicado em escolas do campo em busca de gerar interesse pela leitura, já que muitas instituições não possuem biblioteca física.

O Programa Arca das Letras foi criado em 2003, pela Coordenação-Geral de Ação Cultural da Secretaria de Reordenamento Agrário (SRA), órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) com o objetivo de facilitar o acesso aos livros e incentivar a leitura em assentamentos rurais, comunidades indígenas, quilombolas e agrícolas (Brasil, 2010).

No ano de 2010 o Programa Arca das Letras já contava com "mais de oito mil bibliotecas rurais instaladas e dois milhões de livros distribuídos, beneficiando mais de 920 mil famílias residentes no campo" (Barros, 2014, p. 18). A autora ainda destaca que essa biblioteca era administrada por mais de 15 mil agentes de leitura que destinavam um tempo para disponibilizar as leituras para os alunos.

Na dinâmica instituída pelo programa supracitado, essa biblioteca era um baú com vários livros de literatura, que ficava em algum canto da sala ou na despensa da escola. As atividades eram mediadas por um agente de leitura escolhido pela comunidade para gerir a biblioteca e capacitado pela equipe da Coordenação Nacional do Programa Arca das Letras. O compromisso desse sujeito era "cuidar do acervo, controlar o empréstimo e mobilizar a comunidade em prol de ações de incentivo à leitura e cultura" (Brasil, 2013, p. 16). Quando os agentes do Programa vinham à instituição um determinado momento era reservado para as crianças olharem os livros e levarem para suas residências por curto período de tempo.

Para Barros (2014), este Programa foi o primeiro passo em direção a colocar a população que mora em áreas rurais em contato com o mundo dos livros.

### 3.2.1 A formação humana/leitora pelas mãos da docência

Os programas e projetos de leitura existentes nas escolas são muito importantes para a formação do leitor, pois, incentivam e facilitam a aprendizagem. Contudo, se faz necessário reconhecer que os professores são os principais

responsáveis por conduzirem todo esse caminhar formativo. São os docentes que mediam conhecimentos aos alunos mostrando que o ato da leitura não se define apenas em codificar o que está sendo lido, mas, sobretudo, que serve para abrir um mundo de possibilidades para as crianças. Por esse motivo, “É necessário formar professores comprometidos com a formação de leitores, capazes de instruir nas práticas leitoras, buscando através de suas próprias experiências incentivar a leitura” (Silva; Carvalho, 2018, p. 9).

O docente também tem um papel indispensável na formação dos alunos do campo, pois, são facilitadores de aprendizado e de vida, já que é nuclear sentir que a educação do campo exige que os saberes científicos dialoguem com os saberes locais, pois, o aluno residente no campo precisa compreender o espaço onde vive para decidir sobre como transformá-lo (Baptista, 2014).

É como base nisso, que defende-se a prerrogativa de que os professores devem ser conhecedores do cotidiano dos alunos, para perceberem progressos e dificuldades enfrentadas por seus educandos. Distante disso, muitos enfrentam dificuldade em fazer com que as crianças compreendam que a leitura é essencial à vida e assim, as crianças do contexto rural, acabam se distanciando ainda mais da leitura.

Para que isso não ocorra, o corpo docente necessita criar estratégias para tornar esse processo menos desafiador, contudo, se sabe que as escolas do campo são de fato ainda limitadas e não contêm tantos recursos.

Isso se torna preocupante, pois,

o mau uso da leitura acarreta consequências graves na formação humana e a principal delas reflete no aspecto interpretativo, não só do texto escrito, mas também da compreensão de mundo que é necessária a cada ser social” (Nascimento; Souza; Ribeiro, 2019, p. 2).

Os autores ainda complementam:

A medida que essas atitudes ditadoras se desenvolvem dentro da sala de aula com relação a liberdade de escolha e expressão acerca do gosto e interesse literário, paralelamente, e muitas vezes até involuntariamente, estamos aos poucos retirando o aluno de seu próprio contexto social, até chegar ao ponto do sujeito não mais se reconhecer dentro de sua própria cultura. (Nascimento; Souza; Ribeiro, 2019, p. 8).

Não obstante a esse pensamento, entende-se que se o professor não

dialogar acerca da importância dos livros para tampouco os alunos terão interesse em conhecer. Nesse sentido, Silva (1993, p. 95) esclarece que:

A literatura enquanto um processo que atende a diferentes propósitos, precisa ser claramente “mostrada” às crianças em função das aprendizagens que ocorrem por imitação da pessoa adulta. Muitos dos hábitos das crianças são uma decorrência da imitação dos hábitos dos adultos.

Desse modo, o incentivo à formação leitora precisa despir-se da condição de hábito e assumir a condição de prazer, ou seja, a história tem que ser atribuída sabor e lida por e com gosto. Isso ocorre quando a criança tem o direito de escolher o que quer ler.

Uma vez que o professor permite que o aluno informe seus gostos, já abre um leque de novidades a serem trabalhadas. Conforme a leitura for sendo inserida dessa maneira, o sujeito notará como a leitura é positiva em sua vida e o professor pode adotar práticas educativas em busca de resultados positivos.

Por fim, a leitura será espontânea, mas, de certa forma guiada, pois as temáticas serão de escolha própria desses sujeitos e o professor fará a mediação de como realizar essas leituras para que o mesmo tenha prazer em desfrutar dos livros. Seguindo esses passos será de toda forma um diferencial para que as pessoas sejam inseridas no mundo leitor e descubram o gosto pelo ato de ler. Essas práticas farão com que a formação do sujeito tenha experiências literárias marcantes que farão parte de toda a sua trajetória de vida.

### 3.2.2 Ser professor(a) no campo: ações que despertam o gosto leitor

Conforme discutido acima, observou-se que a participação da docência é nuclear para o desenvolvimento do aprendiz mediante as necessidades educativas, dentre tantas, a formação leitora, em todos os ambientes educativos, independentemente do local aonde as escolas estão situadas. No entanto, pensar sobre como isso tem acontecido numa escola municipal localida no campo, é prioridade neste trabalho monográfico.

Desse modo, optou-se em realizar a investigação com duas docentes que atuam numa escola da zona rural do município de Governador Dix-Sept Rosado/RN.

As referidas docentes terão seus nomes resguardados em virtude do princípio do sigilo da ética, e serão identificadas como Professora A e Professora B.

A escolha das docentes deu-se pelos principais motivos: as professoras já lecionam na instituição escolhida a mais de vinte anos, facilitando na coleta de informações já que conhecem bem o contexto. Também optou-se pela escolha, pelo fato de uma delas já ter sido professora da autora dessa pesquisa, fazendo com que compreenda os motivos que levaram a realização do trabalho em questão; Também por elas residirem na zona rural que faz com que essas professoras saibam a importância que as escolas localizadas no campo têm para as crianças que moram nessa localidade e o quanto necessitam serem incentivados a praticarem a leitura com gosto.

Excluiu-se da pesquisa qualquer dado que não seja referente às ações didáticas docentes no campo.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário com questões abertas, enviados aos sujeitos inicialmente por meio da plataforma *Google Forms*. O retorno das questões à pesquisadora deu-se a partir do mesmo instrumento virtual.

No intuito de conhecer o perfil pessoa/profissional das investigadas, questionou-se acerca da formação de cada uma. Diante das respostas, constatou-se que a Professora A não respondeu sobre isso. Já a Professora B é especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA e tem duas graduações, sendo uma em Pedagogia pela UERN e a outra em Teologia pela Universidade Católica de Mossoró.

Quanto ao ano escolar em que atuam, a Professora A disse exercer suas funções profissionais no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, deixando subentendido que sua sala de aula é multisseriada, aspecto que é algo corriqueiro nas escolas da zona rural. A Professora B leciona no 4º ano do Ensino Fundamental.

Na sequência, a pergunta passou a indagar acerca da existência de projetos de leitura na escola campo da pesquisa. As respostas das docentes estão expostas, no quadro, a seguir:

#### **Quadro 1- Projeto de Leitura “Maleta Viajante”**

<b>Existe algum projeto de incentivo a leitura na escola? Se sim, qual(is)?</b>	
<b>Professora A</b>	<i>Sim. Temos o projeto de leitura que temos como tema: A Maleta Viajante que acontece semanalmente, onde sorteia a criança que levará para casa a Maleta. Nela estará contido o livro escolhido pelo o aluno do Cantinho da Leitura da sala de aula, tem uma ficha de leitura para o registro. O livro deverá ser lido em casa com a família, bem como o preenchimento da fichada leitura, e a maleta será devolvida na escola na data combinada. Nesse dia a criança contará para turma a história lida e apresentará a ficha com a atividade realizada. A professora lerá pra toda turma o livro escolhido pelo o aluno e fará o sorteio de um novo aluno. A culminância do projeto finaliza com uma apresentação dos alunos do campo com o sarau de leitura que acontece na zona urbana com pais, professores, e funcionários da educação, que irão assistirem.</i>
<b>Professora B</b>	<i>Tem sim, trabalhamos o Projeto " A Maleta Viajante"</i>

*Quadro criado pela autora (DADOS DA PESQUISA, 2023).*

De acordo com a resposta das docentes, nota-se que a Professora A explicou prontamente o projeto, por outro lado, a Professora B só informou o título do projeto.

O projeto referido é presente na escola como incentivo às crianças a lerem os livros existentes na biblioteca da escola em questão e realizarem oralmente resenhas para apresentarem aos outros colegas e depois participarem de um sarau como que é apresentado na zona urbana da cidade de Governador Dix-Sept Rosado.

Segundo Baptista (2014), é relevante promover o texto escrito articulado a outras formas de linguagem, desse modo, a partir do relato da Professora A, nota-se que a culminância desse projeto pode representar um avanço significativo para as crianças dessas localidades rurais.

Por outro lado traz a reflexão da mediação do projeto mencionado pelas docentes, no que se refere à ficha de cunho obrigatório, fazendo com que as crianças sejam obrigadas a realizarem a leitura em um determinado tempo e ainda realizar

uma atividade.

### Quadro 2- Elaboração do Projeto

<b>Esses projetos são elaborados pelos professores ou são enviados pela Secretaria de Educação?</b>	
<b>Professora A</b>	<i>São enviados pela secretaria de Educação e os professores colocam em prática.</i>
<b>Professora B</b>	<i>A elaboração do projeto é feita pelos professores e supervisores de Ensino Infantil e Ensino Superior.</i>

*Quadro criado pela autora (DADOS DA PESQUISA, 2023).*

A professora A respondeu que a Secretaria de Educação da cidade de Governador Dix-Sept Rosado/RN é quem envia o projeto para a escola e as professoras colocam em prática de acordo com a metodologia que lhes é sugerida. Já a professora B, informou que a elaboração do projeto “Maleta Viajante” é realizada pelas docentes

A contradição das respostas deixa dúvidas acerca da dinâmica da proposta, ou, talvez, a questão tenha sido interpretada de modo diferente pelas docentes.

### Quadro 3-Caráter do projeto

<b>Os projetos de leitura têm caráter interdisciplinar?</b>	
<b>Professora A</b>	<i>Sim.</i>
<b>Professora B</b>	<i>O projeto é trabalhado de forma disciplinar, mesmo porque usamos a leitura em todas as disciplinas.</i>

*Quadro criado pela autora (DADOS DA PESQUISA, 2023).*

A professora A deu uma resposta objetiva, concordando que o o projeto tem caráter interdisciplinar, ou seja, é incluso em uma ou mais componentes curriculares. Da resposta dada pela professora B, entende-se que o projeto é trabalhado dentro de todas as disciplinas existentes na instituição, dessa forma também é interdisciplinar. Segundo Hernandez e Ventura (1998, p. 61):

A função do projeto interdisciplinar é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhe-

cimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio.

O projeto em questão é inserido como uma estratégia de inserir as crianças no mundo da leitura em conjunto com os componentes curriculares. Isso assenta a complexidade de formação que advém da leitura literária que mesmo ocorrendo sem intenções preestabelecidas, ensina.

#### Quadro 4- Relevância do projeto

Qual a importância de incentivar a leitura na escola e fora dela?	
<b>Professora A</b>	<i>Porque os alunos desenvolvem habilidades e competências importantes para sua aprendizagem. Através da leitura o aluno tem a possibilidade de desenvolver seu crescimento cultural, quanto intelectual, como um agente transformador na sociedade. A leitura desenvolve nas crianças a concentração e um raciocínio e compreensão na linguagem oral quanto na escrita, ela está inserida desde da escola e por toda sociedade, por isso é fundamental incentivar desde de criança.</i>
<b>Professora B</b>	<i>Trabalhar projetos de leitura na escola, contribui muito com a formação do aluno, o mesmo irá fazer um cronograma de Leitura no momento que estiver em casa, irá fazer apresentação do livro pra turma e participar da culminância do projeto onde será trabalhado a desenvoltura no palco, vai perder o medo de falar em público e vai poder acompanhar os trabalhos dos demais colegas, assim foi a realização do nosso projeto, os alunos da zona rural pela primeira vez tiveram a oportunidade de apresentar seus trabalhos na cidade.</i>

Quadro criado pela autora (DADOS DA PESQUISA, 2023).

A professora A expressa que ao inserir a leitura na sala de aula, os alunos passam a desenvolver habilidades e competências importantes em prol da aprendizagem, e isso ajuda no desenvolvimento intelectual, concentração, raciocínio, linguagem oral e escrita, saberes almejados pela escola.

Do mesmo modo, a professora B informa que a prática contribui diretamente

na formação do sujeito. Chama a atenção a preocupação que atribui a oportunidade das crianças apresentarem esse projeto na zona urbana. De certo modo, fica imbricada em suas palavras a impressão de que as crianças do campo precisam provar às pessoas da cidade que estão aprendendo ou já sabem ler.

Tal postura secundariza a ideia de que a formação leitora tem o intuito de promover a cidadania e isso não considera o local onde está acontecendo, mas, ovaciona o fato de que o crescimento intelectual acontece independente do local físico aonde o sujeito reside.

#### Quadro 5- Contribuições para a formação leitora na escola

<b>Considera que o trabalho com os projetos de leitura tem culminado na formação de leitores na escola? Por que?</b>	
<b>Professora A</b>	<i>Sim. Porque incentiva as crianças lerem diversos tipos de leitura de forma prazerosa, assim possibilita o despertar da imaginação e incentiva as crianças a descoberta de novas histórias e favorece a construção de um hábito que elas levaram para fora da escola e para sua vida acadêmica.</i>
<b>Professora B</b>	<i>Sim, esse trabalho de formação tem porque a leitura é primordial pra formação de qualquer indivíduo, seja ele criança, jovem, adulto ou idoso. Olha, o incentivo a leitura tem grande importância na vida das pessoas, a leitura nos liberta da ignorância política, do medo de lutar por nossos direitos, e o melhor através dela conquistamos muitas coisas, inclusive nossa liberdade financeira, pois é através dos estudos é de muita luta que podemos que podemos arrumar um emprego.</i>

Quadro criado pela autora (DADOS DA PESQUISA, 2023).

As professoras A e B concordaram que os projetos de leitura têm caráter formador e que engrandecem o trabalho delas quando fazem com que as crianças criem gosto pela leitura. Sendo assim, é crucial ter projetos que favoreçam o contexto em que as crianças estão inseridas e sempre está valorizando cada passo dado pelos discentes, pois isso impacta positivamente na formação dos indivíduos.

Mediante os aspectos analisados na entrevista, é possível compreender que

de fato houve avanços significativos, pois antes não havia sequer projetos voltados a leitura nem tampouco incentivos registrados nas pesquisas realizadas. Atualmente o cenário já apresenta mudanças significativas para essas escolas, pois o que antes era inexistente, no cenário atual apresenta projeto de leitura com pedagogas atuantes engajadas no processo de realizar um trabalho significativo com as crianças da localidade, adaptando de acordo com a realidade de cada um deles.

Contudo, a educação do campo ainda tem muito o que conquistar mesmo com políticas públicas existentes, as escolas inseridas no campo ainda encontram diversas dificuldades para implantação de uma pedagogia libertadora e necessita-se de um olhar investigativo acerca da ideia de ler por obrigação, pois, o caminho é incentivar para que o desejo de ler cresça nessas crianças, assim tornando-o leitores profícuos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa, procurou-se compreender as principais causas que levam aos alunos da educação do campo a se distanciarem da leitura, tal como investigar de que modo são realizadas as práticas pedagógicas para formação de leitores em uma escola municipal localizada na zona rural do município de Governador Dix-Sept Rosado. Dessa forma, buscou-se conhecer como a educação do campo é importante para as pessoas que residem no contexto campesino e como a leitura literária pode contribuir para a transformação das crianças dessa localidade.

Para realizar o trabalho pesquisado, foi necessário buscar entender como surgiu a educação do campo, bem como compreender as principais causas que afetam as crianças que residem nessas localidades em relação à leitura, desse modo, foi de suma importância buscar fontes confiáveis para o estudo.

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa foram necessárias diversas buscas no que se refere ao acesso da literatura no ambiente do campo, pois a pesquisa nesta área ainda pode ser considerada irrisória, mas, de toda forma foi possível concretizá-los.

Diante do percurso da investigação e o cruzamento dos achados associados à luz dos teóricos que embasaram pode-se evidenciar é que de fato esse trabalho de conclusão de curso teve seus objetivos alcançados, pois foi possível realizar a verificação de situações vivenciadas recorrentes no ambiente campesino acerca da formação leitora, acima de tudo, entender como surgem as dificuldades enfrentadas por esses sujeitos que, mesmo frequentando as escolas, ainda apresenta-se distanciado do mundo da literatura.

No decorrer da pesquisa em questão, foi possível constatar que existem práticas pedagógicas realizadas pelas docentes em busca de incentivar as crianças à leitura, mostrando a importância disso para a formação leitora e humana, e esse avanço é significativo tanto para os docentes como para as crianças como diz, dentre tantos outros, Colomer (2007).

Assim, é possível afirmar que de acordo com a pesquisa realizada, estudos dos teóricos mencionados e as respostas ao questionário realizado com as professoras da escola nota-se que, por meio da Educação do Campo é possível formar leitores e que isso se deve ao esforço dessa classe social que busca ser

ouvida e mostrar a realidade que é vivida por ela.

Observou-se também que, o distanciamento que parte dos alunos em relação à leitura pode ser consequência da falta de incentivo por parte de familiares ou mesmo dinâmicas no ato de ensinar, e de práticas de fomento ao gosto leitor que realmente busquem compreender a realidade de cada indivíduo, por vezes, estampada nas histórias que o livro, aspecto que poderá encerrar na transformação do ato de ler em algo prazeroso e não obrigatório.

Diante dos fatos expostos, é possível afirmar que a pesquisa para os docentes e alunos do campo, pois se lida de modo dialógico, pode abrir olhares que enxergue a necessidade de busca de melhorias para ações pedagógicas com a leitura literária, pois, por meio dela, pode-se alcançar lugares e conhecimentos variados que antes não era possível. Partindo daí, essas crianças campesinas poderão ter consciência de que lendo poderão participar de diversas atividades sociais e que o ato de ler não pode ficar somente restrito à escola.

Mediante a esse pensamento concebe-se que a pesquisa dessa temática abriu um leque de contribuições para a pedagoga em formação, autora desta monografia, que sempre buscou entender e mostrar a realidade do campo nos espaços nos quais transitou/transita e, por intermédio desse trabalho, pôde reviver a realidade vivida em toda a trajetória escolar e social nesse contexto evidenciado, fato que contribui no campo pessoal e, de modo especial, no âmbito profissional, por haver a possibilidade de exercer a profissão docente na zona rural em tempos futuros.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e à outras instituições de ensino, a contribuição esta pesquisa se dá em virtude de poder servir de um começo para um olhar mais empático para a modalidade de ensino do campo, pois a pedagogia também é atuante nesse espaço. Dessa forma, necessita-se conscientizar aos professores e estudantes que existem crianças no campo que também querem participar de uma formação escolar que respingue na vida que vibra além dos muros da escola.

Os dados aqui refletidos também contribuem para a sociedade, visto que, abre o olhar para dificuldades experimentadas e enfrentadas pelas pessoas da zona rural, que muitas vezes passam despercebidas. É preciso reforçar o grito de que, no campo, há desejos e frustrações que emanam de seu povo. Um povo que, assim

como tanto outros, constroem a nação brasileira. Um Brasil, ainda de não leitores, mas que só pode crescer se as oportunidades chegarem para todos, secundarizando o local de suas vivências.

Ao encerrar este trabalho de conclusão de curso, sente-se que as questões elencadas não são conclusivas e isso está abrindo margem para futuros aprofundamentos sobre o estudo da formação leitora junto à educação do campo. Existem diversas realidades que necessitam ser pesquisadas e pautas totalmente relevantes no que se refere à Educação do Campo, por isso, há muito o que se fazer. Há um mundo na zona rural que também quer ser lido.

Assim, considera-se que esta pesquisa é de extrema importância para que as comunidades que residem no campo sejam mais visibilizadas, pois, ler e ter acesso aos livros são direitos garantidos por lei. Nesse sentido, espera-se que esse trabalho sirva de incentivo para se olhar com mais empatia e dedicação para esses discentes que se encontram em lugares distantes do meio urbano, mas desejam, de fato, ter oportunidades para mostrarem que também podem ser leitores.

## REFERÊNCIAS

- AMBONI, V. **A EDUCAÇÃO DO CAMPO NOS MARCOS DA ESCOLA PÚBLICA**. Vol. 1, Publicada em 15 de junho de 2013. Disponível em: [a34-a-educacao-do-campo-nos-marcos-da-escola.pdf\(ufscar.br\)](http://a34-a-educacao-do-campo-nos-marcos-da-escola.pdf(ufscar.br)) . Acesso em 17 de setembro de 2022.
- ANDRADE, M, R. O. **O destino incerto da educação entre os assentamentos rurais do estado de São Paulo**. 1993. 286 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/ Universidade Estadual de Campinas, Campinas,1993. Acesso em 11/07/2023.
- BAPTISTA, C. C. **A Importância da Leitura na Educação do Campo e a Formação do Leitor**. Trabalho de conclusão de curso. Pato Branco, 2014. Disponível em: [http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14713/2/PB\\_COLET\\_2014\\_1\\_02.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14713/2/PB_COLET_2014_1_02.pdf). Acesso em: 11/07/2023.
- BAVARESCO, P. R.; RAUBER, V. D. Educação do Campo: uma trajetória de lutas e conquistas. **Unoesc e Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 85-92, jan./jun. 2014. Acesso em: 05/08/2023.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria de Reordenamento Agrário. **Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras**: manual. Brasília: MDA/Secretaria de Reordenamento Agrário, 2013.
- CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo. Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Acesso em 10/08/2023.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas cidades,1995. Acesso em 24/04/2023.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: A leitura literária na Escola**. Tradução: Laura Sandroni. Ed. Global. 1º edição, São Paulo. Ano 2007. Acesso em 02/07/2023.
- CAMPOS, M. H. Para ler literatura. In: PAULINO, G.; WALTY, I. (org.). **Teoria da literatura na escola: atualização para professores de 1º e 2º graus**. Belo Horizonte: UFMG/Fale, 1992. p.9-17.
- FAILLA, Z. **Retratos da leitura no Brasil**. 5º Edição. Editora GMT. Rio de Janeiro/RJ. Ano de 2021.
- FERNANDES, I. L. C. Educação do Campo: a trajetória de um projeto de mudanças para os povos do campo. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 58-69, jul./dez. 2012.
- FISHER, Steven R. **História da escrita**: Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Acesso em 01/12/2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, 2002. Acesso em: 22/08/2023.

HERNANDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KRUG, F. S. A importância da leitura na formação do leitor. **Revista de Educação do IDEAU**. Vol. 10 – Nº 22 - Julho - Dezembro 2015- Acesso em 15/02/2023.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. Acesso em 14/08/2023.

MARX. K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. Acesso em 11/07/2023.

NASCIMENTO, M. E. A. do; SOUZA, R. B. de; RIBEIRO, J. A. D. **Leitura e Cultura na Educação do Campo: um olhar docente sobre a formação de leitores no Ensino Fundamental**. VI Congresso Nacional de Educação. Editora Realize, Ano de 2019. Disponível em : [editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA5\\_ID9777\\_13092019210856.pdf](http://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA5_ID9777_13092019210856.pdf) . Acesso em: 14/08/2023

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996 FEA USP. Acesso em 30/05/2023.

NOGARO, A; PIRAN, G.C. T; ZAFFARI, N. **A história e ações educativas das organizações sociais populares da cidade de Erechim**, RS. Erechim/RS: Gráfica São Cristóvão, 1996. (Série Pesquisas Regionais, 24).

RODRIGUES, M. B. **Análise do Programa Arca Das Letras em Comunidades Rurais do Estado de Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis, 2010. Disponível em: [repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/120710/285847.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/120710/285847.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 14/08/2023.

RODRIGUES, N. **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. **Educação & Sociedade**, ano XXII, no 76, Outubro/2001. Disponível em: [www.scielo.br/j/es/a/MpfHNQQR5c4LBvN4pgPpwJ/?format=pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/j/es/a/MpfHNQQR5c4LBvN4pgPpwJ/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 11/07/2023.

SANTOS, A. D. G. dos. **LEITURA X FORMAÇÃO HUMANA: um estudo fundamentado na centralidade do trabalho**. Monografia apresentada no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014. Acesso em 12/07/2023.

SERODIO, E. C. & KATUTA, Â. M. **O Processo de avaliação discente no programa: Projovem Campo Saberes da Terra**. IN: FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. (Org.). Projeto político pedagógico nas escolas do campo. Matinhos: Editora.UFPR Litoral, 2013.Acesso em 24/08/2023;

SILVA, E. T.. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4° edição.Campinas/SP. Papirus, 1993. Acesso em 10/06/2023.

SILVA, V. D.; PENHA, G. M.L.B. Leitura Literária: Uma Proposta de Ensino e Aprendizagem do Conto ao Hiperconto. **Revista Tropos**, ISSN: 2358-212X, volume 6, número 1, edição de Julho de 2017. Disponível em: [periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1227/pdf](http://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1227/pdf). Acesso em: 14/07/2023.

SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. **Leitura Literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2011. Acesso em 10/06/2023.

VIERO, Janisse; MEDEIROS, Liziany M. **Educação do campo: Princípios e concepções da educação do campo**. 1° ED. Santa Maria/ RS. 2018. Disponível em: [repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18361/Curso\\_Lic-Educ-Camp\\_Principio-Concep%C3%A7%C3%B5es-Educa%C3%A7%C3%A3o-Campo.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18361/Curso_Lic-Educ-Camp_Principio-Concep%C3%A7%C3%B5es-Educa%C3%A7%C3%A3o-Campo.pdf?sequence=1). Acesso em: 27/07/2023.

**APÊNDICE****APÊNDICE 1****QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS DOCENTES, SUJEITOS DA PESQUISA**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- DE  
CURSO DE PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**-QUESTIONÁRIO (anexo 1)**

1.	Nome completo do Entrevistado.
2.	Nome da Escola.
3.	Formação e ano que leciona.
4.	Existe algum projeto de incentivo a leitura na escola? Se sim, quais?
5.	Esses projetos são elaborados pelos professores ou são enviados pela secretaria de educação?
6.	Os projetos de leitura tem caráter interdisciplinar?
7.	Qual a importância de incentivar a leitura na escola e fora dela?
8.	Considera que o trabalho com os projetos de leitura tem culminado na formação de leitores na escola? Por que?